Revista Diversidade e Educação

ENSINAMENTOS DA TERNURA RADICAL DE UM EU LÉSBICO A UM APRENDIZ DO DEVIR TRANS

ENSEÑANZAS DE LA TERNURA RADICAL DE UN YO LÉSBICO A UN APRENDIZ DEL DEVENIR TRANS

TEACHINGS OF RADICAL TENDERNESS FROM A LESBIAN SELF TO AN APPRENTICE OF TRANS BECOMING

João Gomes Luiz[1]

RESUMO
Insiro-me na discussão sobre experiências lésbicas na docência a partir da posição situada de homem trans cuja trajetória é constituída por uma vivência lésbica que não se encerra no passado. Investigo como essa experiência reverbera na constituição de uma masculinidade docente não hegemônica, partindo da hipótese de que opera como linha de fuga, produzindo deslocamentos afetivos e relacionais. Em diálogo com autorias que tensionam as relações entre poder, sexualidade e gênero no campo queer e pós-estruturalista (Preciado, Anzaldúa, Wittig, Deleuze, Guattari, Valencia, Foucault), compreendo não como identidade superada, mas como força que anima minha docência, desestabilizando normas de subjetivação. No cotidiano escolar, tais movimentos se expressam em gestos, escuta e modos de exercer autoridade, configurando agenciamentos de "ternura radical". Assim, minhas experiências excedem identidades fixas e forjo a docência como espaço de invenção de masculinidades outras e de modos de existência que aprendem com a força inventiva das lesbianidades.
PALAVRAS-CHAVE: Ternura radical. Masculinidades não hegemônicas. Lesbianidade. Docência. Devir trans.

RESUMEN
Me sitúo en la discusión sobre las experiencias lésbicas en la docencia desde la posición situada de un hombre trans cuya trayectoria está constituida por una vivencia lésbica que no se cierra en el pasado. Investigo cómo esta experiencia reverbera en la constitución de una masculinidad docente no hegemónica, a partir de la hipótesis de que opera como línea de fuga, produciendo desplazamientos afectivos y relacionales. En diálogo con autorías que tensionan las relaciones entre poder, sexualidad y género en el campo queer y posestructuralista (Preciado, Anzaldúa, Wittig, Deleuze, Guattari, Valencia, Foucault), comprendo esta vivencia no como identidad superada, sino como fuerza que anima mi práctica docente, desestabilizando normas de subjetivación. En la vida escolar cotidiana, estos movimientos se expresan en gestos, escucha y formas de ejercer autoridad, configurando agenciamientos de «ternura radical». Así, mis

[1] Mestre em Letras. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

experiencias exceden identidades fijas y forjo la docencia como espacio de invención de masculinidades otras.
PALABRAS-CLAVE: Ternura radical. Masculinidades no hegemónicas. Lesbianidad. Docencia. Devenir trans.

ABSTRACT
I situate myself in the discussion on lesbian experiences in teaching from my situated position as a trans man whose trajectory is constituted by a lesbian experience that does not remain in the past. I investigate how this experience reverberates in the constitution of a non-hegemonic teaching masculinity, based on the hypothesis that it operates as a line of flight, producing affective and relational displacements. In dialogue with authors who challenge relations between power, sexuality and gender within queer and post-structuralist thought (Preciado, Anzaldúa, Wittig, Deleuze, Guattari, Valencia, Foucault), I understand this experience not as a surpassed identity, but as a force that animates my teaching practice, destabilizing norms of subjectivation. In everyday school life, these movements are expressed through gestures, listening and ways of exercising authority, configuring assemblages of "radical tenderness." Thus, my experiences exceed fixed identities and I forge teaching as a space for inventing other masculinities.
KEYWORDS: Radical tenderness. Non-hegemonic masculinities. Lesbianity. Teaching. Trans becoming.

* * *

Como explicar o que me acontece? O que fazer com o meu desejo de transformação? O que fazer com todos os anos em que me defini como feminista? Que tipo de feminista serei agora? Uma feminista viciada em testosterona, ou melhor, um transgênero viciado em feminismo? Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona, aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época.
Paul B. Preciado.

Devir trans e ternura radical na docência: uma introdução

Iniciar este artigo com o termo "ternura" parece não ser algo usual devido à formalidade e certo grau de distanciamento que nos é dito na Universidade no que tange à postura de uma pessoa pesquisadora. Ainda mais quando se sabe que por trás da escrita estão mãos masculinas tecendo a problemática proposta.

O que quero dizer sobre as mãos masculinas é que, conforme preconiza a gramática cisheteronormativa, ser terno não combina com a imagem de homem que se pretende imprimir no imaginário da sociedade pelo *sistema da diferença sexual*[2], o qual impõe uma cosmovisão

[2] Ver Práticas subversivas de identidade sexual (2022), de Paul B. Preciado.

baseada em identidades binárias. Antes mesmo de nascermos, somos catalogados à luz dos moldes pênis = homem ou vagina = mulher, isto é, a partir da existência de um sistema imagético-visual de constatação da existência de um órgão genital e de características sexuais (cromossomos, hormônios e por características estritamente corporais) somos nomeados, pensados, determinados antes mesmo de experienciarmos nossas subjetividades neste mundo. O Homem Universal, portanto, modelo de um sistema petrosexorracial[3], não combina com ternura. Ser um professor terno é mais inconcebível ainda.

Ainda sobre esse contexto, acrescento a essas mãos masculinas algumas características, como o fato de serem mãos negras, vindas da periferia de uma cidade, mãos de professor da escola pública no Brasil e mãos de um homem transgênero heterossexual, que, outrora, denominava-se uma mulher cis lésbica. E agora? Este texto será lido da mesma forma ao saberem que inventei de escapar à norma feminina e ao sujeito homem em sentido universal que o sistema da diferença sexual fabula? E me direcionando ao campo educacional, meu espaço de profissão, o que essa minha subjetividade mutante implica ao cotidiano do meu fazer docente na escola pública da periferia da cidade onde moro?

Tais questionamentos se integram a uma questão primordial que dá tom à discussão a ser tecida neste artigo. Para tanto, para apresentar o objetivo desta investigação, apresento-me, e afirmo de onde falo: Insiro-me na discussão sobre experiências lésbicas na docência a partir da posição situada de um homem transgênero cuja trajetória é constituída por uma vivência lésbica que não se encerra no passado, nem se apaga mediante uma "nova identidade" adquirida após a travessia à qual me lancei, chamada transição de gênero, ou, popularmente, dita ser o meu processo de "virar homem".

Investigo como essa experiência fronteiriça desestabilizadora de conceitos e de normas reverbera na constituição de uma masculinidade docente não hegemônica, partindo da hipótese de que opera como linha de fuga (utilizando-me, desde já, de termos deleuzianos) produzindo deslocamentos éticos, afetivos e relacionais dentro do campo educacional.

Voltando à "ternura radical", trago uma breve contextualização espaço-temporal do uso deste termo nesta introdução. Retorno aos dias 25 a 30 de novembro de 2025, quando estive no XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura

[3] O sistema petrosexorracial, conceito formulado por Paul B. Preciado em Disphorya Mundi (2023), refere-se ao regime contemporâneo que articula capitalismo fóssil, regulação dos corpos e das sexualidades e hierarquias raciais como dimensões interdependentes de produção de poder e subjetividade, em que o sujeito masculino hegemônico, o homem branco, cristão, carnívoro (que enxerga os demais animais como seres sem sensibilidade, apenas um objeto, algo que pode ser convertido em "carne" para seu proveito), é o centro deste sistema.

(ABETH)[4], em Brasília-DF, para a apresentação de uma comunicação oral no referido evento, que tinha como intuito reunir pesquisadories[5], estudantes, docentes e ativistas LGBTQIAP+[6] para debater gênero, sexualidade e dissidências no campo da educação.

No último dia desse congresso, estive em uma roda de conversa com Sayak Valencia, pesquisadore[7] influente nos estudos Cuír[8] na América Latina. Valencia foi quem cunhou o termo Capitalismo Gore, com obra homônima, trazendo uma abordagem econômico-identitária na qual a constituição de masculinidades hegemônicas se imbrica com um "tipo" de capitalismo tardio engendrado em locais de fronteiras físicas e existenciais. Nesses espaços, segundo elu, violência extrema e espetacularizada por mutilações, assassinatos e corpos expostos torna-se parte da lógica econômica, principalmente, em países do Sul Global, e em territórios conflituosos de fronteira como na cidade de Tijuana (México), sua cidade natal.

Ao abordar meus trânsitos e as relações que teço com meus estudantes nas escolas da periferia onde trabalho em Fortaleza, expus à roda que minha masculinidade causava estranheza e, simultaneamente, tecia novas relações com meus alunos e alunas diante da ternura presente em meus gestos e da performance de homem e de docente que imprimo em meu cotidiano no magistério. Foi um momento potente em que toda a roda de pessoas presentes se emocionou ante as palavras de Sayak Valencia ao abordar minha postura como de um docente em estado de "ternura radical"[9].

[4] Site da ABETH: https://www.abeth.com.br/.

[5] Uso a grafia "pesquisadories" conforme a ABETH utiliza, além de crer no uso do recurso de linguagem inclusiva de gênero como forma de inclusão de identidades para além do binarismo masculino/feminino e como modo de tensionar as normas linguísticas que naturalizam a masculinidade como universal.

[6] LGBTQIAP+ é uma sigla política que reúne identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (incluindo travestis, transgêneros e transexuais), *Queers*, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais. O símbolo "+" indica a abertura da sigla para a multiplicidade de experiências que escapam às categorizações fixas.

[7] Adoto em meu artigo a linguagem inclusiva de gênero relacionada a Sayak Valencia devido ao fato de, neste evento em que estive em Brasília, Sayak fez uso de pronome neutro relacionado a si. Entretanto, na internet, percebe-se que artigos e outras produções e currículo permanecem no feminino.

[8] Dentro do América Latina e Caribe, pesquisadories LGBTQIA+, com o movimento de de sulear a Teoria Queer reivindicam a impressão de experiências e especificidades das populações minoritárias e seus devires próprios do sul Global, propondo a recriação política e linguística do termo, por isso a escrita "cuír" e o debate cada vez mais aproximado das existências que fogem à norma de gênero e de sexualidade situadas num contexto específico que intersecciona raça/etnia, classe, território, colonialidade.

[9] Em pesquisas na Internet sobre o termo, descobri que se trata de um conceito que não possui um "criador oficial", mas ganha notoriedade e força dentro do feminismo contemporâneo, especialmente, de experiências latino-americanas, com o viés de oposição à colonialidade. Ainda é possível ver a reverberação deste conceito nas discussões de bell hooks sobre educação como resultado da influência da pedagogia de Paulo Freire sobre a autora estadunidense. Ver: Co-sentindo com TERNURA RADICAL (2009), de Dani d'Emilia, Vanessa Andreotti & GTDF Collective e Ensinando a Transgredir (2013), de bell hooks.

Ternura estava sendo lida ali não como movimento negativo, mas como um desvio necessário, uma alternativa possível perante o autoritarismo produzido por masculinidades hegemônicas, que tentam se distanciar de qualidades próximas ao cuidado, à delicadeza e às formas poético-artísticas de exercer o magistério, elementos vistos essencialmente femininos ou desviantes do ser macho, daquele que não pode chorar nem cultivar sensibilidade em seu comportamento.

Nesse sentido, esta investigação justifica-se pela necessidade de compreender como experiências dissidentes de gênero e sexualidade tensionam fronteiras identitárias, produzindo pertencimentos que escapam às categorias fixas e reconfiguram modos de ser e estar na docência. Minhas experiências de mulher cis lésbica e de homem trans hétero se comunicam e uma afeta a outra revelando meus múltiplos modos de ser e de me relacionar com colegas de trabalho e estudantes, os quais, transicionando junto a mim e percorrendo os meus trânsitos de gênero, ajudam na composição de páginas que transmutam a educação brasileira contemporânea. Nesse espiral, desfazemos tabus e pomos ideias diversas num intenso campo relacional em que a ternura radical faz-se elemento desencadeador da diferença.

Ademais, é relevante pensar a potência teórica de reconhecer o sujeito em devir como produtor de conceitos, capaz de deslocar epistemologias normativas e abrir outras formas de pensar gênero, ensino e subjetivação a partir da experiência situada. Desta seara, as tensões incidem, narrativas novas começam a entrar em contato com algumas velharias e engendramentos hegemônicos herdados do colonialismo e da cisheteronormatividade, que possuem dificuldade em admitir seu declínio e colapso (embora o sejam inevitáveis).

Ainda, pela urgência de problematizar a escola como espaço de regulação cisheteronormativa, demarco este estudo como apontamentos relevantes rumo às brechas, ao entre-lugar como território de disputa, onde práticas docentes podem reinventar relações, afetos e modos de resistência.

Os caminhos metodológicos pelos quais percorro esta investigação são inspirados no devir deleuziano e nos manejos característicos da narrativa autoetnográfica. Desse modo, as veredas metodológicas pelas quais envolvo minha pesquisa criam uma "narrativa autoetnográfica em devir", articulando *flashes* autobiográficos de minhas vivências antes e durante minha transição de gênero no magistério da rede pública em Fortaleza-Ceará a teóricos queer e da Filosofia da Diferença, tomando emprestado conceitos importantes das autorias que orientam minha investigação, tais como Paul B. Preciado, Sayak Valencia, Michel Foucault, Glória Anzaldúa, Monique Wittig, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Essas autorias auxiliam a

pensar as criações de territórios produzidas pelas transgeneridades masculinas e pelas lesbianidades. Nesse movimento, emergem criações linguísticas e políticas que tensionam as formas de existência dissidente na sociedade contemporânea.

Por fim, apresento as três trilhas específicas por onde caminharemos com os seguintes objetivos específicos: I. **Compreender** a fronteira entre a experiência de professora cis lésbica e professor trans hétero como espaço de pertencimento, evidenciando como essa travessia produz modos singulares de existência e de prática docente. II. **Analisar** o aprendiz do devir trans como criador de conceitos, investigando como sua experiência situada produz deslocamentos nas formas de pensar gênero, docência e subjetivação; e III. **Examinar** a possibilidade de uma atuação docente trans em contexto escolar como criadora de território de disputa, problematizando a escola como heterotopia de desvio e crise (Foucault) e como pornotopia de restrição e produção de subjetividades (Preciado) a fim de tensionar suas formas de regulação e abrir possibilidades de reconfiguração por meio de territórios existenciais de repetição e fuga (ritornelos) perpassados pela ternura radical.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos que apresento em minha investigação inscrevem-se em uma abordagem qualitativa cuja narrativa construo a partir de meus trânsitos de gênero/sexualidade e de suas reverberações no campo educacional sob a construção de minha prática docente.

Assim, teço minha investigação e minha escrita conforme o que denomino “narrativa autoetnográfica em devir”. Tomo como aporte para a investigação minha própria trajetória, inicialmente marcada por uma vivência lésbica e, posteriormente, reconfigurada no processo de afirmação como homem trans. Longe de se constituir como relato meramente descritivo, essa escrita mobiliza a experiência como uma análise que me permite tensionar as relações entre docência, gênero e sexualidade no contexto escolar.

Nesse sentido, como destaca a teórica Deborah Reed-Danahay (1997), uma das principais características da perspectiva autoetnográfica é a posição do pesquisador como um “cruzador de fronteiras”, cuja identidade se constitui de forma múltipla e relacional, abrindo novas possibilidades de escrita da vida social. “Quem fala e em nome de quem são perguntas vitais a serem feitas a todos os escritos etnográficos e autobiográficos. Quem representa a vida de quem, e como [...]” (Reed-Danahay, 1997, p. 3, tradução minha) são questões centrais à

prática etnográfica e autobiográfica, colocando em evidência os regimes de representação implicados na pesquisa.

Seguindo essa perspectiva, compreendo a autoetnografia como um movimento que articula individual e coletivo, eu e nós, no qual a experiência do pesquisador integra tanto a definição do objeto quanto o desenvolvimento da investigação. Como afirma o pesquisador brasileiro Silvio Matheus Alves Santos em estudo de 2017 sobre desafios e perspectivas da autoetnografia, o método trata de reconhecer a experiência do sujeito pesquisador nos processos de pesquisa, mobilizando memória, autobiografia e histórias de vida.

Assim, o método vê a "[...] importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços" (Santos, 2017, p. 219).

No plano teórico, minha análise preza pelas contribuições de Paul B. Preciado, Gloria Anzaldúa, Monique Wittig, cujas formulações possibilitam compreender a lesbianidade para além de uma identidade fixa, situando-a como posição política e epistêmica de contestação às normas cisheterocentradas.

Em articulação com essas perspectivas, os estudos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault são mobilizados como ferramentas para pensar a experiência em termos de processos, devires e linhas de fuga. A experiência vivida, nesse sentido, é assumida como lugar de enunciação que produz deslocamentos nos modos de pensar a docência e as masculinidades, operando como escrita de fronteira e como gesto de recusa às naturalizações de sexo e gênero.

A vivência lésbica não é compreendida por mim como etapa superada nem como um processo evolutivo pelo qual passei, mas como força que reverbera na constituição de uma masculinidade docente não hegemônica, produzindo fissuras nas normatividades das instituições em que habito. Desse modo, a análise se dá por meio da problematização de memórias, cenas e afetos da prática docente, tomados como intensidades que permitem cartografar modos de existência e resistência no cotidiano da escola.

Ontem, professora cis lésbica; hoje, professor trans hétero: pensando fronteira e pertencimento

Ser trans é desejar um processo de "crioulização" interior: aceitar que só nos tornamos nós mesmos através da mudança, da mestiçagem, da mescla. A voz que a testosterona propulsiona em

minha garganta não é a de um homem, é a voz da travessia. A voz que treme em mim é a voz da fronteira.
Paul B. Preciado

Para os teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari, devir não significa "virar" algo tampouco alcançar uma identidade encerrada. O devir está para a ordem de um processo de contínua transformação, sempre em movimento, isto é, quando algo deixa de ser fixo e entra em variação. Identidades de gênero ou sexualidades vistas como desviantes, ao longo da história das sociedades, foram catalogadas como coisas inumanas, monstruosidades[10], quimeras a serem combatidas em nome de uma "normalidade".

Minhas transições caminharam dentro desse espectro do monstruoso, do anormal, de viver nas fronteiras do que era considerado mulher, pois, ainda que estivesse sob a identidade cisgênero, eu era uma mulher que amava mulheres. Ser lésbica "assumida", portanto, já foi um ponto que me fez enfrentar muitos preconceitos. Nesta época, estava trabalhando na rede estadual de ensino do Ceará.

Como era bastante jovem e aparentava a pouca idade que tinha, as posturas de alguns estudantes de posicionamento ligado a ideologias conservadoras, por vezes, eram de antipatia e de escárnio à minha ternura e ao engajamento artístico-político em minha maneira de ministrar aulas e desenvolver projetos pedagógicos. Fui professor de Ensino Médio no período de maior crescimento da onda bolsonarista no Brasil, período em que abertamente os estudantes tentavam demonstrar seu apoio a ideias estapafúrdias, com o ápice dos conflitos ideológicos na mídia, nas redes sociais e no cotidiano, no ano de 2018.

Após cinco anos na rede estadual, em 2023, tornei-me professor efetivo da rede municipal de ensino de Fortaleza, quando passei a atuar como professor de estudantes do Ensino Fundamental 2. Agora, homem trans e hétero, deixei de me apresentar como cis e lésbica à sociedade. Tive um terceiro nascimento. Algo muito interessante, pois, não é automaticamente que nos "acostumamos" com nosso devir trans. É uma construção, como tudo que somos, cheia de primeiras vezes e experimentações corporais que não sabemos bem aonde chegaremos, mas que nos enchem de curiosidades. A lesbianidade está presente na construção deste homem trans que iniciei. Vamos construindo, experimentando novas linguagens e tecnologias que tocam as lutas femininas, que, em muitas dimensões, são também transmasculinas.

[10] Ver sobre a noção de monstro relacionada à transgeneridade em: Eu sou o monstro que vos fala (2022a), de Paul B. Preciado.

A noção que criei sobre o direito ao nosso próprio corpo e direitos político-sociais tomaram proporções gigantescas em minha mente. Já não me enxergo como uma coisa à parte no mundo. Me sinto um simbionte político[11], como diz Preciado (2023): posso me irmanar a qualquer esfera de vida do planeta terra, pois entrei em contato, desde então, com duas periferias da cidade de Fortaleza: o bairro Bom Jardim e o bairro Jangurussu., ambos com problemáticas relacionadas a índices expressivos de marginalização de sua juventude. O tom desafiador dos estudantes ante às questões de gênero agora como homem trans, por exemplo, é muito menor, o que é interessante observar, pois, trabalhando na rede municipal de ensino, com discentes de renda mais baixa e de idade de 11 a 15 anos, percebi a abertura à minha existência trans com maior aceitabilidade do que quando vivi a experiência cis e lésbica na rede estadual.

Já em transição, com acesso contínuo à hormonização e com uma cirurgia realizada (mamoplastia masculinizadora), adentrei a rede municipal de ensino. De mulher lésbica, professora que já ouviu de alguns estudantes, certa vez, que feministas são "feminazi"[12], passei a ser homem hétero, percebido, muitas vezes, como cisgênero. Aos poucos, as pessoas, ao saberem de minha condição fronteiriça, de minha viagem de gênero, foram/são tomadas por espanto: "nossa, eu não percebi que você é trans!". Deslizando de modo imperceptível pela cisgeneridade, alcanço o *status* de "quase homem". Algumas pessoas passam a errar meus pronomes quando têm a informação de que sou trans. É como se seus olhos estivessem os traindo. Veem algo, contudo, é como se seu inconsciente lhes dissesse que sou outra coisa.

Durante um tempo, pensei no que teria que abandonar para passar de professora a professor. Deixar de ser professora seria esquecer minha ternura e abandonar um certo jeito feminino? Mas que jeito é um não jeito de mulher? Falar "grosso", não abraçar nem ser carinhoso com meus colegas homens, tratar os meninos como "brothers"?

Nessa aventura, já fui questionado sobre meu jeito meigo ou terno, como um "resquício" da traição de gênero que foi abandonar a feminilidade, mas que ela não sai de mim. Certa feita,

[11] Para Preciado (2023), o simbionte político representa uma mutação extrema no que se compreende acerca do sujeito contemporâneo. Este deixa de ser um indivíduo autônomo e isolado para se tornar um ser em simbiose com tecnologias, meio ambiente e estruturas de poder. As alianças/agenciamentos possíveis entre os simbiontes são múltiplas.

[12] Segundo Maria Medina-Vicent, o termo "feminazi" é um insulto que combina "feminista" e "nazista", sendo utilizado para deslegitimar e estigmatizar mulheres cujas posições são classificadas como "radicais" ou "extremas". A expressão estabelece uma comparação controversa com o Nazismo, sugerindo que pautas feministas, especialmente a defesa do direito ao aborto, seriam autoritárias ou violentas. O termo surgiu no final dos anos 1980 e foi popularizado pelo comentarista conservador estadunidense Rush Limbaugh no início da década de 1990. Disponível em: https://theconversation.com/o-que-e-realmente-ser-uma-feminazi-224925. Acesso em: 3 de mai. 2026.

foi dito isso a mim como defeito. Seria mesmo um defeito me comunicar decentemente com as mulheres e querer fazer do mundo um lugar melhor para elas? Seria um defeito ser um professor que quer fazer da sala de aula um lugar de escuta e de abertura para a imaginação e para a existência da multiplicidade de vidas?

O fato é que a fronteira é o local a que pertenço. Local de riscos, de marginalizações, de inventividades, em que consigo reconhecer, na sala de aula, muitos estudantes que desejam se agenciar e constituir *matilha* rumo ao devir. Conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a, p. 18), "Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. [...] Devir não é progredir nem regredir segundo uma série."

O devir seria a intensa transformação pela qual passamos, pensando no choque e no contato que nossas subjetividades provocam umas nas outras. O devir é relacional, assim como minha transição também o é. Transiciono, mas o espaço ao redor também, porque minhas linguagens e criações de viajante da fronteira me dizem que pertenço às brechas do discurso, do corpo, do gênero, da linguagem. Encontro, nestas veredas, assim como os cães, abelhas e demais seres que se relacionam em coletividade (não como a sociedade humana), o meu devir-animal na docência.

O devir-animal[13] que encontro na fronteira e que me faz pertencente é meu movimento de saída do humano normativo em direção a modos de existência mais intensivos, instáveis e não hierárquicos. Parece metafórico e fantasioso, mas é como exerço minha docência, e é, primordialmente, um eixo de linha de fuga que traço com meus estudantes. Não é "agir como um bicho", nem regredir como professor para um certo primitivismo, tampouco é uma ode à antirracionalidade. É, primeiro, um modo que criei para escapar das normas morais da razão clássica do pensamento e de estabelecer com meus estudantes o laço de que nossa sala de aula é espaço de confiança, de escuta e de aprendizado. Quero e penso a fronteira como nossa matilha, nosso bando, nossas multiplicidades desestabilizando o eu como centro e medida de tudo, o eu que quer um contra um "outro", o eu que precisa obsessivamente de um oposto. Não há oposição quando se fala de devir, mas uma relação entre diferente-diferente que pode existir nas fronteiras, esses espaços criados para demarcar a insegurança e o perigo:

[13] Deleuze e Guattari enxergam em Franz Kafka um exemplo de devir-animal: Quando o escritor cria personagens que se tornam insetos como Gregor Samsa em A metamorfose (1915), ele não está "fantasiando", mas criando uma forma de escapar das estruturas sociais próprias da lógica humana de se perceber como centralidade das coisas, num sistema político-econômico que enxerga o Homem como sua medida, mas explora sua força de trabalho, objetificando-o e valorando como positivo enquanto este sujeito rende ao sistema.

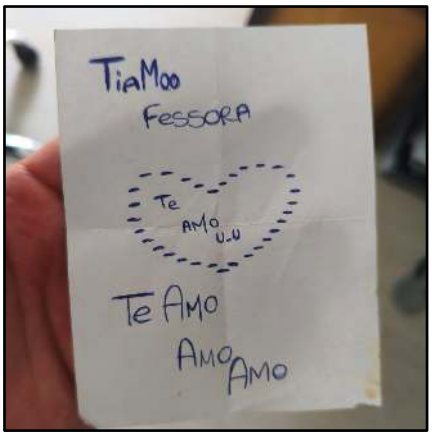
> As fronteiras são projetadas para definir os lugares que são seguros e os que não o são, para distinguir o *us* (nós) do *them* (eles). Uma fronteira é uma linha divisória, um traço tênue ao longo de um limite íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido, criado pelo resíduo emocional de uma fronteira contra a natureza. Encontra-se em um estado constante de transição. Seus habitantes são os proibidos e os banidos. Ali vivem os atravessados: os vesgos, os perversos, os *queer*, os problemáticos, os cães sem raça, os mulatos, os mestiços, os meio mortos; em suma, aqueles que cruzam, que passam por cima ou atravessam os limites do 'normal' (Gloria Anzaldúa, 2016, p. 42, tradução minha).

A fronteira é o lugar de toda a sorte de banidos e desprezados por um sistema de biopoder baseado na subalternização de pessoas racializadas e no controle de suas sexualidades, de sua força de trabalho, da produção do lucro e na posse das riquezas naturais. O que é feito da fronteira? O que é feito do que fazem de nós? A resposta vai para o fato de que a redesenhamos ao nosso modo. Ela passa a ser lugar de criação e potência. Vivi na fronteira como seu habitante sob a forma lésbica e cis, pois não era visto como mulher: para o senso comum, eu era uma mulher que "queria" ser homem pelo fato de amar mulheres. Pensando como Monique Wittig, que "lésbicas não são mulheres", a categoria mulher e a gramática cisheterossexual com seu conjunto de valorações fixas nunca couberam a mim.

Depois de trair a heterossexualidade, traí o gênero: ou, mais precisamente, escapei às suas normatividades. Como homem trans, crio uma masculinidade que só pode existir na fronteira; fora dela, o que sou perde sentido. É nesse entre-lugar, em trânsito, que o eu lésbico e o aprendiz do devir trans produzem seus afetos, em espaços-tempos distintos, mas que reverberam como retorno da diferença[14]. Apresento algumas imagens a seguir para discutir meus trânsitos e o que emerge do contato com a minha singularidade cis e lésbica e minha singularidade transmasculina:

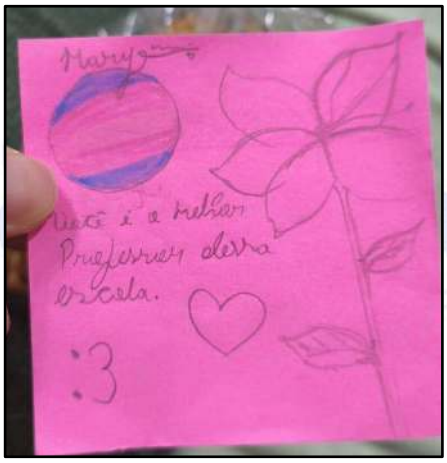
[14] O "retorno da diferença" dito aqui faz referência à releitura que Deleuze (2025) faz do eterno retorno nietzschiano, concebido não como repetição do mesmo, mas como afirmação da diferença. Para o filósofo francês, o retorno diz respeito ao que escapa à identidade e à representação, fazendo emergir o novo e o devir.

FIGURA 1: Bilhete de uma aluna do Ensino Médio (período entre 2017-2022).



Fonte: acervo do autor.

FIGURA 2: *Post-it* de uma aluna do Ensino Fundamental 2 (2026).



Fonte: acervo do autor.

Os bilhetes, demarcados por emissores e espaços-tempos distintos são direcionados a mim, que embora seja uma só pessoa, trago a marca da multiplicidade, de um ser em transitoriedade. Guardo muitas cartinhas e demonstrações de carinho de meus alunos em caixinhas em minha casa e esses artefatos chegam a mim como uma demonstração de meus trânsitos de gênero e sexualidade, pois sinalizam para mim uma espécie de datificação dos meus devires. Ambas as imagens podem ser aqui compreendidas como dispositivos de emergência da "ternura radical", na medida em que materializam formas de reconhecimento que tensionam os regimes normativos de (1) gênero/sexualidade, (2) autoridade e (3) afetividade na escola.

Esses três âmbitos, imbricados, redesenham cartografias escolares na contemporaneidade, pois mais do que simples registros individuais de carinho dos discentes,

eles funcionam como indícios de uma economia relacional em que o vínculo pedagógico se produz pela memória e pela inscrição do docente no cotidiano dos estudantes, os quais percebem e afirmam a autoridade docente num mesmo plano de significação em que possa conviver com a afetividade e o acolhimento do devir lésbico e do devir trans que marcam minha trajetória.

Ao articular temporalidades distintas de minha narrativa autoetnográfica em devir (a docência perpassada pela vivência lésbica e docência em posição transmasculina), esses fragmentos tornam visível que a ternura radical não é estabilidade afetiva, mas um modo de relação em devir, no qual a autoridade docente não se separa do reconhecimento afetivo, mas se constitui precisamente por ele. Assim, minha ternura é radical, pois é sinal de desestabilização das normas de subjetivação na escola.

Meu devir trans opera como experiência vivida e como força que tensiona e desloca categorias, exigindo criação, me tornando aprendiz que atravessa fronteiras. O entre-lugar em que habito faz surgir afetos como retorno da diferença, também engendrando uma produção de relações pautadas, conforme observo nos desenhos (flores, corações, bandeira trans) e nos signos verbais dos bilhetes, um movimento marcado pelo ritmo e compasso de uma docência poético-política que emerge da ternura radical. Desse modo, minha experiência me conduz a pensar novas conexões através de minha travessia, marcada por meu devir trans, aprendiz do meu eu lésbico, confabula com os estudantes a concepção de novas habilidades de convivência entre nós e a criação de novos conceitos sobre a vida que queremos.

O aprendiz do devir trans é um criador de conceitos

O devir é involutivo, a involução é criadora.
Gilles Deleuze e Félix Guattari

O filósofo, para Gilles Deleuze, afirma-se como aquele que cria conceitos e realiza a tarefa do pensamento sob um exercício que exige comprometer-se com tal ação. Não é tarefa fácil, deve ser forçado a isso e não pode se rebaixar à simples representação e recognição proposta pela razão clássica. O devir, por meio de um pensamento sem imagem, é um processo de involução, um misturar-se, um mesclar-se, não significando regresso nem progresso.

Nesse sentido, meu devir trans, negando uma imagem de masculinidade hegemônica fixa, involui, estabelecendo relações com as lesbianidades, criando conceitos e novas formas de ser por meio de um pensamento que contraria as imagens da cisheterossexualidade, que apenas

pretende reconhecer os movimentos e categorias que cartografam o que é ser mulher e o que é ser homem segundo suas bases fixas. Dessa forma:

> Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não conduz a "parecer", "nem ser", nem "equivaler", nem "produzir" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 20).

Trazendo a discussão para o eixo da escola, ela é este espaço em que o pensamento entra em disputa. Nela, os discursos do que Monique Wittig (1992) chama de o "pensamento hétero"[15], oprimem-nos, de modo que somos impedidos de falar a menos que o que seja dito por nós seja nos termos desta forma de pensar. Tudo quanto põe esses discursos em questão é imediatamente posto à parte como elementar, vide como é tratada a questão das subjetividades *queer* dentro de alguns espaços políticos, por vezes, dito como progressistas, os quais não enxergam as reivindicações de direitos dessas populações como urgências, velando a existência de uma pretensão heterossexual e cisgênera de totalidade.

Wittig (1992) aponta que os discursos que mais nos oprimem são aqueles que naturalizam a heterossexualidade como base de toda sociedade. Ao falar sobre lésbicas e sujeitos dissidentes como se estivessem fora da política, esses discursos se apresentam como neutros, no entanto, produzem verdades que nos capturam e nos regulam, como se fosse possível existir qualquer sentido que não fosse imbricado com o político. A autora sugere que, ao se pretender universal, o pensamento heterossexual se torna incapaz de imaginar uma sociedade em que a heterossexualidade não organize tudo.

A heterossexualidade, que aqui associo também intimamente ligada à cisgeneridade, portanto, funciona como uma matriz que estrutura não só as relações entre as pessoas, mas também a própria produção de conceitos e até aquilo que escapa ao nível consciente. Assim como a língua dominante, que, conforme Anzaldúa (2009), tenta apagar os "sotaques" dissidentes, afirmo que a gramática cishétero atua como tecnologia de normalização, produzindo silenciamentos e exclusões. Nesse sentido, não se trata apenas de identidade, mas de uma política que impõe uma unidade à custa da diferença, pois "[...] a unidade de uma língua é, antes de tudo, política. Não existe língua-mãe, e sim tomada de poder por uma língua dominante [...]" (Deleuze; Guattari, 2011, p. 49).

[15] Texto originalmente apresentado em 1978 e publicado em 1980, posteriormente incluído em *The Straight Mind and Other Essays* (1992). Utilizou-se, neste trabalho, uma tradução disponível on-line.

É nesse cenário que modos de existência como o lésbico, em minha trajetória, e o trans, no meu espaço-tempo presente, tornam-se alvos dessas forças de regulação, ao mesmo tempo em que tensionam e fazem vacilar essa pretensa unidade. A gramática cisheteronormativa, que também racializa, subalterniza e silencia subjetividades, imprime em nós a marca da vergonha ao conseguirmos enxergar na coletividade as marcas da diferença, conforme relato de Gloria Anzaldúa sobre sua condição de mulher chicana[16]:

> Feministas chicanas frequentemente esquivam-se umas das outras com suspeita e hesitação. Durante muito tempo eu não pude entender isso. Então me dei conta. Estar próxima de uma outra chicana é como olhar no espelho. Nós temos medo do que vamos ver lá. Pena. Vergonha. Baixa auto-estima. Na infância, nos disseram que nossa língua está errada. Ataques repetidos à nossa língua nativa diminuem nosso sentido de self. Os ataques continuam ao longo das nossas vidas (Anzaldúa, 2009, p. 311).

Gloria Anzaldúa, feminista lésbica e mulher chicana, imprime em sua escrita e teorias a ideia de multiplicidade que carregamos: como sujeitos fronteiriços, carregamos em nossas subjetividades marcas e mesclas as quais nos compõem e engendram nossas línguas, culturas e modos de relação no mundo.

Anzaldúa (2009) aborda como, por muito tempo, envergonhou-se de seus sotaques e de seu espanhol chicano, visto como pobre diante das outras formas de falar espanhol e diante do inglês, o qual teve que aprender veementemente na escola e na universidade como imposição a seu sotaque latino. Encontrar uma chicana era um encontro difícil, segundo a autora. Quando a recognição é o único caminho a nos ser ofertado nas instituições sociais onde aprendemos quais os padrões de beleza ter, qual língua falar, qual deus seguir, qual pessoa devemos amar, dar conta de nossa própria diferença é escandaloso, é inquietante e causa espanto.

A autora afirma que nem mesmo entre chicanas há uma língua comum garantida: seus modos de falar variam conforme o território, e, muitas vezes, é apenas com outras chicanas tejanas, que compartilham sua experiência de fronteira, que ela consegue falar livremente. Pensando o território da escola, onde as subjetividades de alunos encontram possibilidades de livre circulação de seus devires sob o agenciamento de meu devir trans, o mesmo pode ocorrer.

Fazer da escola uma babel de línguas, de jeitos e de possibilidades é o que procuro em meu devir trans, pois, a transição e minha subjetividade em travessia são impressas no meu modo de me relacionar com os agenciamentos que teço. Não há como negar a multiplicidade

[16] Mulher de origem mexicana que vive nos Estados Unidos da América e se identifica politicamente com essa condição.

de meus estudantes, pois o meu existir de homem trans docente na sala de aula já não comporta cabe à pretensão de unidade do homem branco colonial, pois sou um hacker desse sistema, que não faz sentido algum diante das minhas relações e do meu modo de pensar a imanência. Para finalizar esta seção, proponho o olhar direcionado para este trecho de Wittig (2009, p. 13):

> Se nós, lésbicas e homossexuais, continuarmos a falar de nós próprias(os) e a conceber-nos como mulheres e como homens, estamos a ser instrumentais na manutenção da heterossexualidade. Tenho a certeza que uma transformação econômica e política, não irá desdramatizar estas categorias da linguagem. [...] Temos de produzir uma transformação política dos conceitos chave, isto é, dos conceitos que nos são estratégicos. Há uma outra ordem de materialidade, a da linguagem, e ela é trabalhada de dentro por estes conceitos estratégicos. A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade. Não podemos deixar estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação.

Consoante à Monique Wittig, confabulo uma proposta de mundo em que haja a abolição dos conceitos-chave, dos signos e das linguagens que sustentam os paradigmas que caracterizam fixamente as possibilidades de ser homem, de ser mulher, de ser outras coisas entre essas categorias e até mesmo fora delas. Que haja boycetas, não bináries, travestis, *tomboys*, homens trans, transhomens, transmasculinos e tantas outras formas de nomear a diferença e de inscrever existências dentro e fora das escolas, que interrompam a hegemonia do pensamento cisgênero e heterossexual e abram espaço para a proliferação de ritornelos.

Entre pornotopias e heterotopias no chão da escola: docência trans em busca de ritornelos

Nesta última seção, há alguns conceitos que me são necessários debater e que aproximam minha investigação mais ainda da Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Começo pelo ritornelo:

> A palavra ritornelo vem do italiano *ritorno*, que remete a uma cançoneta que se repete. Na notação musical, ritornelo é o nome dado ao símbolo que indica a repetição de um determinado trecho da partitura. Em linguagem popular, significa apenas refrão. É uma palavra derivada do campo sonoro, por isso o platô que trata desse tema é o que mais se aproxima da música (Razão Inadequada, 2021).

Em Deleuze e Guattari (2012a), o ritornelo é uma maneira para pensar como criamos algum tipo de estabilidade em meio ao caos e, ao mesmo tempo, como abrimos brechas para dele nos deslocarmos e compormos novos modos de existência e linhas de fuga. Constitui um

gesto repetido (um som, hábito, prática), um estribilho, um refrão que marca a criação de territórios e dá sensação de segurança, possibilitando o deslocamento de forças.

É importante pensar o caos não como algo inteiramente bom ou inteiramente ruim, mas um espaço de instabilidade, de diversas forças incidindo simultaneamente, a partir do qual podemos depreender algumas associações muito importantes, como as a seguir:

> O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um **imenso buraco negro**, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do **ponto uma "pose"** (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro deveio um em-casa. Ora enxertamos uma **escapada** nessa pose, para fora do buraco negro (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 123, grifos meus).

O ritornelo traça a repetição de um território dentro do caos. Mas o que viria a significar o termo território neste contexto? A palavra território tomada pelos filósofos da Diferença não age apenas como o significado de um espaço físico, mas, sobretudo, caracteriza-se como um espaço existencial produzido por um conjunto de relações, hábitos, afetos, signos e práticas que dão alguma consistência e sensação de "estar em casa" no mundo. Assim, retomando a citação anterior a este parágrafo, aponto que ritornelo, território e caos mantêm uma relação importante:

I. *Um imenso buraco negro: Do caos ao território*. Aqui algo se repete para organizar o mundo. O exemplo dos autores em sua obra é o fato de uma criança cantar no escuro para não sentir medo. Aqui, a criança tenta alçar algum modo seguro para se "organizar" na infinitude do breu.

II. *Em torno do ponto uma pose*: *Marcar um território***.** O ritornelo cria um "dentro", um espaço habitável. Um dos exemplos para este caso, conforme os autores, é de um pássaro que canta para afirmar seu território, uma criança que canta para arregimentar em si forças do trabalho escolar a ser feito ou uma dona de casa que liga o rádio ou cantarola ao mesmo tempo em que erige as forças anti-caos de seus afazeres domésticos.

III. *Escapada: Abrir linhas de fuga***.** Esse mesmo ritornelo pode se transformar e levar para fora, não como não enfrentamento, mas como criação que se expande. A música faz isso, como o jazz, trazendo improvisação e quebra de expectativa, mudando os rumos do ritmo e "transportando" o ouvinte para um outro lugar. Ou como quando após o círculo de convivência e segurança ser estabelecido com meus estudantes, isto é, o território ser criado, alguma circunstância imprevista molda outros rumos para minha aula, com uma experiência de vida de um estudante sendo incluída a um debate, ou o surgimento de uma situação em que eu sou levado a criar uma situação pedagógica inovadora e inusitada a partir do que me é dado no

momento com a vivência de sala de aula. Sobre este ponto III, vale a pena ler na íntegra o trecho poético-político de Deleuze e Guattari (2012a, p. 123) sobre a abertura de linhas de fuga:

> Agora, enfim entreabrir o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar "linhas de errância", com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes.

O improviso, o salto, o novo que surge com o inusitado só é possível porque o ritornelo não é só repetição, mas ritmo que contém variação. Conforme os exemplos citados por Deleuze e Guattari (2012a), a arte e a música são elementos que envolvem, primordialmente, *ritmo*, *variação* e *repetição*, fatores imprescindíveis na feitura de ritornelos e territórios, confundindo-se, muitas vezes, o território criado como efeito da própria arte, ou a Arte confunde-se com esse devir, essa emergência.

Pensando minha ternura radical docente como uma maneira de fazer território, de criar o pertencimento da diferença à inventividade potente que possui a fronteira, produzo ritornelos e faço nascer um território outro na escola ao mesmo tempo que desloco o que se espera de mim como um professor/homem. Traço linhas de fuga com minha delicadeza, com projetos associados à música, à arte e à literatura, com meus gestos e posturas que redesenham comportamentos masculinos possibilitando, assim, a emergência de masculinidades e subjetividades *queer* daqueles que tecem relações comigo no espaço escolar. Criamos um "estar em casa" num ambiente que, muitas vezes, é hostil, ameaçador e disciplinador, como o espaço escolar.

Desse modo, exercer um ritornelo é compor, no cotidiano, ritmos e repetições criadoras de um território sensível, como em minha sala de aula com meus estudantes, mas que, ao variarem, não repetem o mesmo que sou, e sim reverberam as possibilidades de deslocamento e invenção de si próprios, de seus desejos e de suas singularidades.

Exercer um ritornelo no cotidiano da sala de aula passa por compor ritmos e repetições que vão se desenhando nos modos de dizer, nas palavras que retornam dos estudantes não tão somente sob a forma de aprendizado do conteúdo dado, mas nas demonstrações de afeto que surgem no contato de suas subjetividades em contato com a minha, e no próprio ritmo de

condução de nossos encontros em que prezo por leveza, sinceridade, engajamento e desconstrução de práticas de *bullying*, condutas machistas, sexistas e racistas.

Essa disputa que traço com o pensamento cisheterossexual no campo educacional é travada pela ternura radical, que se manifesta em pequenos rituais: um gesto/palavra recorrente que utilizo na comunicação com meus alunos e alunas, uma escuta que se repete capaz de criar um determinado "em-casa". Se manifesta, também, nos afetos: nas práticas como o recebimento diário de *post-its* dos estudantes com demonstrações de carinho sobre minha subjetividade e meu exercício de profissão (nota-se que no *post-it* da aluna na seção inicial deste artigo há uma bandeira trans pintada junto à mensagem "você é o melhor professor dessa escola", denotando que minha prática docente e minha singularidade existencial-política são percebidas em um agenciamento imbricado), podem se tornar ritornelos quando instauram uma regularidade sensível entre mim e esses jovens.

Ao mesmo tempo, meu próprio corpo em transição, minha presença e meu modo de existir naquele espaço já marcam um território outro, com uma autoridade sendo exercida por um corpo da fronteira (quantos professores trans eu tive ao longo dos meus quase 32 anos de estudo?). Assim, ao estabelecer território com meus estudantes, componho um espaço que não se estabiliza como forma fixa, mas se mantém em variação contínua, em que o ritornelo abre linhas de fuga disseminadoras do entendimento sobre o termo território para uma produção também espaço-política.

O território, a partir dessa inteligibilidade, é composto por forças de normalização e criação, que se confrontam permitindo entender como certos espaços, como a escola, são organizados para regular corpos e sexualidades ao mesmo tempo em que deles podem emergir fissuras e práticas de resistência[17]. Neste ponto, recorro às contribuições de Michel Foucault e Paul B. Preciado acerca das *heterotopias* e *pornotopias*, respectivamente.

Foucault argumenta que todas as culturas e civilizações, provavelmente engendrem a existência de

> [...] espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são,

[17] Preciado (2022b), ao retomar o projeto foucaultiano da História da sexualidade, que pode ser compreendido como uma história do biopoder, destaca que a sexualidade não deve ser entendida como resultado de repressões ou proibições, mas como efeito de tecnologias positivas e produtivas. Nesse sentido, Foucault identifica quatro grandes dispositivos que organizam a sexualidade nas sociedades modernas: 1. a histerização do corpo da mulher, 2. a pedagogização do sexo da criança, 3. a socialização das condutas procriadoras e 4. a psiquiatrização dos prazeres considerados perversos.

> simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles refletem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, **heterotopias** (Foucault, 1967, p. 3, grifos meus).

Conforme o olhar do pensador francês, as heterotopias funcionam como espaços que, metaforicamente, agem como um espelho da sociedade, mas a deslocando e a invertendo, justapondo vários espaços em um só lugar, com regras próprias de entrada e de saída.

> Este termo, que se opõe tanto à u-topia (sem lugar) como à eu-topia (bom lugar), indica um espaço outro, um lugar real no qual se justapõem diferentes espaços incompatíveis, produzindo brechas nas formas tradicionais de espacialização do poder e do conhecimento em uma sociedade determinada. [...] Foucault distingue as "**heterotopias de crise**", destinadas a acolher processos de mudança biológica, ou, melhor biopolítica, como a puberdade, a chegada das regras ou da velhice, e as "**heterotopias de desvio**", lugares que a sociedade situa em suas margens, nas zonas vazias que as rodeiam, reservados aos indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à média ou norma exigida, entre os quais Foucault menciona o psiquiátrico ou a prisão (Preciado, 2022b, p. 115-116, grifos meus).

Essas heterotopias de crise e de desvio de Foucault, para estabelecer uma breve compreensão do que seriam, basta que eu tome como exemplo um espaço fundamental para a edificação de valores dos indivíduos de uma sociedade: a escola. O espaço escolar pode funcionar como uma heterotopia de crise/desvio, normalizadora de comportamentos (sexual e de gênero, por exemplo) e moduladora de ritos de passagem (a criança deve aprender a ser uma boa cidadã) mas, pode ser subvertida por meio da tentativa de criação de territórios e fissuras por ritornelos.

Nesse sentido, sob a forma de uma rota de fuga criada por Preciado (2022b), mergulhando em seus estudos sobre a invenção de uma sexualidade multimídia por impérios de poder contemporâneos como a Playboy, o autor espanhol tece uma linha de diálogo a partir das heterotopias foucaultianas e delineia o surgimento das pornotopias. Inspirando-se nas provocações foucaultianas e alargando o pensamento acerca do fluxo de possibilidades e imbricamentos da fabricação e do controle de corporeidades e da reprodução em massa de comportamentos dos indivíduos a partir, principalmente, da segunda metade do século XX, Preciado enxerga a pornotopia como uma

> [...] capacidade de estabelecer relações singulares entre espaço, sexualidade, prazer e tecnologia (audiovisual, bioquímica, etc.) alterando as convenções sexuais ou de gênero e produzindo a subjetividade sexual como um derivado de suas operações espaciais (Preciado, 2022b, p. 117).

Conforme o filósofo, a pornotopia compreende um espaço produzido por tecnologias e mídias do capitalismo sexual para organizar/produzir o desejo e o prazer, enquanto para Foucault, heterotopia é um espaço "outro" dentro da sociedade, que desestabiliza e reorganiza normas. Para esta discussão, pensar o conceito de pornotopia de Preciado relacionada à escola necessita de um deslocamento do sentido usual associado à indústria pornográfica visual e digital para uma construção de signos diversos que podem agir na produção de subjetividades perpassadas pelo sim ao desejo, ao corpo, ao uso e pela ocupação estratégica da tecnologia e do espaço que habitam.

Podem ser elencados, assim, três tipos de pornotopias que integram o pensamento do filósofo espanhol. São elas:

> [...] **pornotopias de restrição**, como a prisão, o colégio, o hospital, a cela celibatária, o convento, todas elas gerando suas próprias pornotopias derivadas, [...] Há também as **pornotopias subalternas**, como as que são criadas quando uma minoria dissidente consegue atravessar o tecido sexo-político e econômico urbano dominante e se fazer visível como acontece nos bairros gays do Village de Nova York [...] Há **pornotopias de resistência** que encenam no espaço público da cidade, como se se tratasse de um teatro improvisado, lógicas e subjetividades sexuais habitualmente não visíveis na cartografia do urbano, como a manifestação sexual do orgulho gay, lésbico, transgênero e transexual, ou a manifestação de trabalhadoras sexuais ou as performances de Kiss-in ou die-in protagonizadas por grupos ativistas como Act Up ou Lesbian Avangers (Preciado, 2022b, p. 117).

Pensando a escola como esse espaço de pornotopia de restrição, ela opera como dispositivo de regulação dos corpos e das sexualidades. Todavia, é no interior dessa própria estrutura que se tornam possíveis composições outras: por meio de ritornelos (gestos, afetos e práticas que se repetem e variam) abrem-se rachaduras que tensionam a disciplina e a ordem e fazem emergir novos modos de existência.

O curioso desta discussão é o fato de que embora atue como pornotopia de restrição, a escola não é fechada: é nela que ritornelos podem ser exercidos, instaurando territórios de diferença e abrindo linhas de fuga. Por meio do deixar-se atingir pela ternura radical, com repetições de variações da diferença, relaciono-me com meus estudantes e impacto, também, o modo como esses jovens exercem suas subjetividades para fora dos muros da escola. O meu eu lésbico de outrora e o meu devir trans atual, como singularidades produtoras de territórios e pertencentes à fronteira, encaram o campo educacional como oportunidades para a emergências de pornotopias de resistência, em que haja a abolição da cartografia do pensamento cisheterossexual e a superação das gramáticas do corpo, do desejo e da linguagem.

Considerações Finais

Este trabalho me permite afirmar que a inserção na discussão sobre experiências lésbicas na docência, a partir de minha posição de homem trans, não se organiza como ruptura linear, mas como movimento involutivo. Demarco uma trajetória perpassada por uma vivência lésbica que não se encerra no passado. Ao investigar como essa experiência reverbera na constituição de uma masculinidade docente não hegemônica, compreendo que ela opera como linha de fuga, produzindo deslocamentos afetivos, políticos e relacionais no cotidiano escolar.

Em diálogo com Paul B. Preciado, Monique Wittig, Sayak Valencia, Michel Foucault, Gloria Anzaldúa, Gilles Deleuze e Félix Guattari, passo a entender essa vivência não como identidade superada, mas como força em permanente atualização, inscrita sob uma "narrativa autoetnográfica em devir", capaz de tensionar as formas normativas de subjetivação e de deslocamento de práticas docentes na invenção de outros modos de existência no campo da educação.

No espaço da escola, tais elementos se materializam em gestos, modos de escuta e formas de exercer autoridade que escapam às codificações hegemônicas de masculinidade. É nesse plano do cotidiano que se configuram agenciamentos de "ternura radical", nos quais a relação pedagógica se torna campo de experimentação sensível e política. Nesse movimento, a docência se organiza como produção de territórios existenciais que não se estabilizam, mas se fazem e se desfazem em ritornelos, isto é, em repetições que não reiteram o mesmo, mas instauram variações capazes de abrir brechas no regime normativo da escola. Dessa forma, minhas experiências excedem fixações identitárias e me permitem forjar a docência como espaço de invenção de masculinidades outras e de novos modos de existência, aprendendo com a força inventiva das lesbianidades que afetam minha aprendizagem transmasculina.

Neste percurso, compreendi a fronteira entre a experiência de professora cis lésbica e professor trans hétero como um espaço de pertencimento e produção de modos singulares de existência docente, ao mesmo tempo em que analisei o aprendiz do devir trans como criador de conceitos, a partir de uma experiência situada que desloca as formas de pensar gênero, docência e subjetivação.

Por fim, examinei a atuação de docente trans em contexto escolar como território de disputa, problematizando a escola como heterotopia de desvio e crise (Foucault) e como pornotopia de restrição e produção de subjetividades (Preciado), tensionando suas formas de

regulação e abrindo possibilidades de reconfiguração por meio de territórios existenciais de repetição e fuga (ritornelos), atravessados pela ternura radical.

Compreendo minha investigação, portanto, como abertura de um campo de problemas que permanecem em movimento, no qual pensar a educação implica a mim também inventar outras formas de vida possíveis em que nossas lesbianidades e transgeneridades afirmem-se como potências de existência e criação, podendo falar, narrar-se e produzir mundos sem que sejamos capturados pelas gramáticas normativas que tentam nos fixar em identidades estáveis e em regimes de silêncio.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA (ABETH). Disponível em: https://www.abeth.com.br/. Acesso em: 3 de mai. 2026.

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos; revisão de Viviane Veras. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 39, p. 303–318, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera**: The New Mestiza. Tradução de Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011 (2a Edição). 128 p. (COLEÇÃO TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a (2a Edição). 200 p. (COLEÇÃO TRANS).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b (2a Edição). 144 p. (COLEÇÃO TRANS).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. - 6a ed. - rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025. 420 pp.; 23 cm.

D'EMILIA, Dani; ANDREOTTI, Vanessa; GTDF COLLECTIVE. **Co-sentindo com ternura radical**. São Paulo: Publication Studio São Paulo, 2020. 80 p. ISBN 978-65-990888-1-0.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços.** Tradução de Pedro Moura. Conferência proferida no Cercle d'Études Architecturales, em 14 mar. 1967. Traduzido a partir do inglês (Diacritics, v. 16, n. 1, primavera 1986). Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf. Acesso em: 30 jun. 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3a ed. - São Paulo, Paz e Terra, 2015.

MEDINA-VICENT, Maria. O que é realmente ser uma "feminazi"? **The Conversation Brasil**, 4 mar. 2024. Disponível em: https://theconversation.com/o-que-e-realmente-ser-uma-feminazi-224925. Acesso em: 3 de mai. 2026.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. - São Paulo: n-1 edições, 2018. 448 p.; 13 cm x 20 cm.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia / Tradução Eliana Aguiar; prefácio Virginie Despentes. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a. 96 p. ISBN 978-65-5979-068-5.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. 2a ed- São Paulo, n-1 edições, 2022b. 226 p.; 14 cm x 21 cm.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual** : Práticas subversivas de identidade sexual/ Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022c.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi** : o som do mundo desmoronando / Tradução Eliana Aguiar. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RAZÃO INADEQUADA. **Deleuze e Guattari**: pequeno ritornelo ético. Disponível em: https://razaoinadequada.com/2021/10/14/deleuze-e-guattari-pequeno-ritornelo-etico/. Acesso em: 3 de mai. 2026.

REED-DANAHAY, Deborah. "Introduction." *In*: Reed-Danahay, Deborah. **Auto/Ethnography**: Rewriting the Self and the Social, New York: Berg, 1997.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

Recebido em maio de 2026.

Aprovado em julho de 2026.

Revista Diversidade e Educação